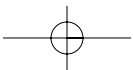
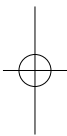
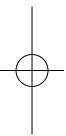


a n t e s



cento e trinta e seis dias antes

UMA SEMANA ANTES de eu deixar minha família, a Flórida e o resto da minha vidinha medíocre para ir para o internato no Alabama, minha mãe insistiu em me dar uma festa de despedida. Dizer que eu não estava esperando muita coisa seria subestimar o fato. Embora estivesse sendo mais ou menos forçado a convidar todos os meus “colegas”, ou seja, aquela gatinha da aula de teatro e os *geeks* de Inglês com quem eu me sentava no cavernoso refeitório da escola por necessidade social, eu sabia que eles não iriam aparecer. Mesmo assim, minha mãe insistiu, mergulhada na ilusão de que eu tinha mantido minha popularidade escondida dela durante todos aqueles anos. Fez uma pequena montanha de molho de alcachofra para acompanhar os salgadinhos. Enfeitou a sala de estar com serpentinas verdes e amarelas, as cores da minha nova escola. Comprou duas dúzias de lança-confetes em garrafa e os colocou ao redor da mesa de centro.

E, naquela sexta-feira decisiva, quando minhas malas já estavam quase prontas, ela se sentou com meu pai e comigo no sofá da sala

às 16h56 e esperou pacientemente pela chegada da Cavalaria do Adeus ao Miles. A cavalaria consistia de apenas duas pessoas: Marie Lawson, uma loira baixinha com óculos retangulares, e Will, seu namorado atarracado (e estou sendo caridoso no adjetivo).

“Oi, Miles”, disse Marie ao se sentar.

“Oi”, eu disse.

“Como foi seu verão?”, perguntou Will.

“Mais ou menos. E o seu?”

“Foi bom. Montamos *Jesus Cristo Superstar*. Dei uma ajuda com os cenários. A Marie fez as luzes”, disse Will.

“Legal.” Balancei a cabeça compreensivamente, e isso como que liquidou a conversa. Eu poderia ter perguntado a respeito de *Jesus Cristo Superstar*, mas acontece que (1) eu não sabia do que se tratava, (2) não queria saber e (3) conversa-fiada nunca foi meu forte. Por outro lado, minha mãe podia conversar fiado durante horas e prolongou a situação embaraçosa perguntando como tinham sido os ensaios e se a peça fora um sucesso.

“Acho que foi”, Marie disse. “Apareceu um monte de gente, eu acho.” Marie era do tipo que achava muito.

Então Will disse, “Bem, só viemos nos despedir. Marie precisa estar em casa às seis. Divirta-se no colégio interno, Miles.”

“Obrigado”, respondi, aliviado. Pior do que uma festa onde não aparece ninguém é uma festa à qual só vão duas pessoas imensamente, profundamente desinteressantes.

Eles saíram, e eu fiquei sentado com meus pais, encarando a tevê desligada, querendo ligá-la, mas sabendo que não deveria. Sentia o olhar deles fito em mim, esperando que eu começasse a chorar ou algo do tipo, como se eu já não soubesse desde o início que aquilo iria acontecer. Mas eu *sabia*. Podia sentir a pena que os dois sentiam de mim enquanto mergulhavam os salgadinhos no molho de alcachofra feito para meus amigos imaginários, mas eles é que eram dignos de

pena: eu não estava desapontado. Minhas expectativas tinham se confirmado.

“É por isso que você quer ir embora, Miles?”, minha mãe perguntou.

Pensei um pouco, tomando o cuidado de não olhar para ela. “Não”, eu disse.

“Então é por quê?”, ela perguntou. Não era a primeira vez que ela me perguntava isso. Minha mãe não estava lá muito entusiasmada com a ideia de eu ir para o colégio interno e não fazia questão de esconder o que estava pensando.

“É por minha causa?”, meu pai perguntou. Ele tinha estudado em Culver Creek, a escola para a qual eu estava indo, assim como seus dois irmãos e todos os meus primos. Acho que ele gostava da ideia de eu estar seguindo seus passos. Meus tios tinham me contado histórias sobre como meu pai tinha sido famoso no *campus* por aprontar as maiores confusões e, ao mesmo tempo, tirar as maiores notas. Parecia uma vida melhor do que a que eu levava na Flórida. Mas, não, não era por causa do meu pai. Não era bem isso.

“Esperem”, eu disse. Fui até o escritório do papai e achei a biografia de François Rabelais. Eu gostava de ler biografias de escritores, mesmo que (como era o caso com o Monsieur Rabelais) não tivesse lido nenhum de seus livros. Folhiei as últimas páginas e encontrei uma citação destacada com marca-texto. (“NÃO USE MARCA-TEXTOS NOS MEUS LIVROS”, meu pai dissera milhares de vezes. Mas de que outra forma eu iria encontrar o que estava procurando?)

“Então, esse cara”, eu disse, parado à porta da sala. “François Rabelais. Era poeta. Suas últimas palavras foram: ‘Saio em busca de um Grande Talvez.’ É por isso que estou indo embora. Para não ter de esperar a morte para procurar o Grande Talvez.”

Isso os tranquilizou. Eu estava à procura de um Grande Talvez, e eles sabiam tão bem quanto eu que eu não iria encontrá-lo na companhia de gente como Will e Marie. Sentei-me novamente no sofá entre minha mãe e meu pai. Ele passou o braço ao redor dos meus ombros

e ficamos assim por muito tempo, em silêncio, juntinhos no sofá, até parecer apropriado ligar a tevê. Depois, comemos molho de alcachofra no jantar, assistimos ao History Channel e, no que se refere a festas de despedida, a coisa certamente poderia ter sido muito pior.

cento e vinte e oito dias antes

A FLÓRIDA ERA MUITO QUENTE, sem dúvida, e úmida também. Tão quente que as roupas grudavam no corpo como fita adesiva, e o suor escorria como uma lágrima, descendo pela testa e entrando nos olhos. Mas só era quente ao ar livre e, em geral, eu só saía para ir de um lugar com ar-condicionado para outro.

Mas nada disso tinha me preparado para o calor singular que encontraríamos vinte e cinco quilômetros ao sul de Birmingham, no Alabama, na Escola Preparatória de Culver Creek. O utilitário esportivo do meu pai estava estacionado no gramado a poucos metros do meu quarto, o Quarto 43. Mas cada vez que eu percorria a pequena distância entre o carro e o edifício para descarregar o que agora parecia ser coisa demais, o sol me queimava, atravessando minhas roupas e entrando pela minha pele com uma violência que me fez temer genuinamente as chamas do inferno.

Mamãe, papai e eu levamos apenas alguns minutos para descarregar o carro, mas meu quarto não tinha ar-condicionado e, embora graças a Deus não batesse sol nele, era apenas pouca coisa mais fresco que lá fora. O quarto me surpreendeu: eu estava esperando um carpete felpudo, painéis de madeira, mobília vitoriana. Mas, salvo um único luxo – o banheiro privativo –, o que encontrei foi um cubículo. Com paredes de bloco de concreto pintadas com grossas camadas de tinta branca e um piso de linóleo xadrez verde e branco, o lugar mais parecia um hospital do que o quarto dos meus sonhos. Uma cama-beliche de madeira crua com colchões de vinil tinha sido empurrada de encontro à janela do fundo do quarto. As mesas, as

cômodas e as estantes tinham sido presas à parede para impedir qualquer decoração mais criativa. *E nada de ar-condicionado.*

Sentei-me no beliche de baixo enquanto minha mãe abria o baú, pegava uma pilha de biografias das quais meu pai concordara em se separar e as colocava na estante.

“Sei fazer isso, mãe”, eu disse. Meu pai se levantou. Estava pronto para ir embora.

“Deixe-me ao menos fazer a cama”, minha mãe disse.

“Não precisa. Eu mesmo faço. Numa boa.” Porque não podemos prolongar para sempre esse tipo de coisa. Chega uma hora em que é preciso arrancar o Band-Aid. Dói, mas pelo menos acaba de uma vez e ficamos aliviados.

“Santo Deus! Vamos sentir saudade”, minha mãe disse de repente, atravessando o labirinto de malas para chegar até a cama. Eu me levantei e a abracei. Meu pai também se aproximou, e demos uma espécie de abraço coletivo. Estava quente demais, estávamos suados demais para o abraço demorar muito tempo. Eu sabia que devia chorar, mas tinha vivido com meus pais durante dezesseis anos e já estava mais do que na hora de uma separação experimental.

“Não se preocupem.” Eu sorri. “Vou aprender a falar com sotaque sulista. *Yeehaw!*” Mamãe riu.

“Não faça nenhuma bobagem”, meu pai disse.

“Pode deixar.”

“Nada de drogas. Nada de bebidas. Nada de cigarros.” Como ex-aluno de Culver Creek, meu pai tinha passado por experiências sobre as quais eu apenas ouvira falar: festas secretas, corridas sem roupa pelos campos de feno (ele sempre se lamentava pelo fato de naquela época a escola não ser mista), drogas, bebidas e cigarros. Ele tinha levado bastante tempo para parar de fumar, mas seus dias de farra já iam longe.

“Nós te amamos”, os dois disseram ao mesmo tempo. Precisava ser dito, mas as palavras fizeram tudo ficar desagradavelmente desconfortável, como ver seus avôs se beijando.

“Eu também amo vocês. Vou telefonar todo domingo.” Os quartos não tinham telefone, mas meu pai tinha solicitado um quarto perto de um dos cinco telefones públicos de Culver Creek.

Eles me abraçaram de novo – primeiro minha mãe, depois meu pai – e tudo acabou. Pela janela dos fundos, vi o carro serpentear pela estrada, deixando o *campus*. Acho que eu deveria ter sentido uma saudade sentimental e pegajosa. Porém, o que eu mais queria naquele momento era me refrescar. Peguei uma das cadeiras da escrivaninha e me sentei do lado de fora do quarto, à sombra do beiral, esperando por uma brisa que não apareceu. O ar lá fora estava tão estagnado e opressivo quanto no interior do quarto. Examinei minhas novas acomodações. Havia seis edifícios de um só andar, cada qual com dezesseis quartos de dormir, dispostos num hexágono em torno de um vasto gramado circular. Parecia um hotel de beira de estrada velho e extremamente grande. Por toda parte, os rapazes e as moças se abraçavam, sorriam e caminhavam juntos. Desejei vagamente que alguém viesse falar comigo. Imaginei que a conversa seria assim:

“Oi! É seu primeiro ano aqui?”

“É, sim. Sou da Flórida.”

“Legal. Então está acostumado com o calor.”

“Não estaria acostumado com esse calor nem mesmo se morasse no inferno”, eu diria, brincando. Causaria uma boa primeira impressão. *Ele é engraçado. O Miles é uma figura.*

É claro que isso não aconteceu. Nada acontecia como eu imaginava.

Entediado, tornei a entrar, tirei a camisa, deitei sobre o vinil quente do beliche de baixo e fechei os olhos. Não tinha renascido com o batismo, a choradeira e tudo o mais, porém nada seria mais agradável do que renascer como alguém sem passado. Pensei nas pessoas sobre as quais eu tinha lido – John F. Kennedy, James Joyce, Humphrey Bogart –, todos alunos de colégio interno, e me lembrei de suas aventuras – Kennedy, por exemplo, adorava os trotes. Pensei no Grande

Talvez, nas coisas que poderiam acontecer, nas pessoas que eu poderia encontrar e em quem seria meu colega de quarto (eu tinha recebido uma carta semanas antes com seu nome, Chip Martin, mas só dizia isso). Fosse lá quem fosse esse tal Chip Martin, eu esperava desesperadamente que ele trouxesse um arsenal de ventiladores de alta potência, porque eu não tinha trazido nenhum e já podia sentir o suor empoçando no colchão de vinil, o que me enojou de tal maneira que parei de pensar e me levantei à procura de uma toalha para enxugar a cama. Pensei: *Bem, antes da aventura é preciso desfazer as malas.*

Tinha conseguido prender o mapa-múndi na parede e guardar a maior parte das minhas roupas na gaveta, quando percebi que o ar quente e úmido fazia até as paredes transpirarem e decidi que aquele não era o melhor momento para trabalhos braçais. Estava na hora de tomar um magnífico banho de água fria.

Havia um espelho enorme de corpo inteiro atrás da porta do pequeno banheiro, então não pude fugir ao reflexo da minha nudez quando me curvei para abrir a água. Minha magreza sempre me espantava: meus braços finos pareciam ter a mesma grossura desde o pulso até os ombros; meu tronco não tinha vestígio nem de gordura nem de músculo; senti-me constrangido e me perguntei se não poderia fazer alguma coisa quanto àquele espelho. Abri a cortina branca do chuveiro e me curvei para entrar no boxe.

Infelizmente, o chuveiro parecia ter sido feito para pessoas com um metro e dez de altura, pois a água fria batia na base das minhas costelas – com toda a força de uma bica gotejante. Para molhar meu rosto banhado de suor, precisei abrir as pernas e me agachar consideravelmente. Com toda certeza, John F. Kennedy (que, segundo sua biografia, tinha um metro e oitenta – exatamente minha altura) não tivera de se *agachar* em seu colégio interno. Não, aquilo era diferente. E, enquanto o chuveiro gotejava e lentamente molhava meu corpo, imaginei se encontraria ali o Grande Talvez ou se tinha cometido um grande erro.

Depois da ducha, abri a porta do banheiro, com uma toalha enrolada na cintura, e vi um rapaz baixinho e musculoso com um emaranhado de cabelos castanhos. Estava arrastando pela porta do quarto um gigantesco saco de lona verde, como os do exército. Tinha um metro e cinquenta e nada, mas era bem-feito de corpo, como um Adônis em escala reduzida, e com ele chegou o fedor de sarro de cigarro. *Bonito, pensei, vou conhecer meu companheiro de quarto, pelado.* Ele atirou o saco para dentro do quarto, fechou a porta e caminhou em minha direção.

“Meu nome é Chip Martin”, anunciou numa voz grave, a voz de um DJ de rádio. Antes que eu pudesse responder, ele acrescentou: “Eu o cumprimentaria, mas acho melhor você continuar segurando essa toalha até terminar de se vestir.”

Eu ri, assenti com a cabeça (é legal, não é, o gesto com a cabeça?) e disse, “Miles Halter. Prazer.”

“Miles, como em ‘Miles to go before I sleep?’”, ele perguntou.

“Como?”

“É um verso de Robert Frost. ‘Milhas a percorrer até dormir’. Nunca leu?”

Fiz que não com a cabeça.

“Considere-se feliz.” Ele sorriu.

Peguei uma cueca limpa, um calção de futebol azul da Adidas, uma camiseta branca, murmurei que voltaria num segundo e me curvei novamente para entrar no banheiro. Lá se ia a minha boa primeira impressão.

“Onde estão seus pais?” perguntei, ainda no banheiro.

“Meus pais? Meu pai está na Califórnia. Deve estar descansando numa cadeira reclinável. Ou então está dirigindo um caminhão. Seja como for, está bebendo. Minha mãe provavelmente está saindo do *campus*.”

“Certo...”, eu disse, já vestido, sem saber como reagir diante de algo tão pessoal. Acho que não deveria ter perguntado se não queria saber.

Chip pegou um lençol e o estendeu sobre o beliche de cima. “Sou homem de ficar no beliche de cima. Espero que não se incomode.”

“Não, não. Qualquer um serve.”

“Estou vendo que você decorou o lugar”, ele falou, apontando para o mapa. “Gostei.”

Então começou a nomear os países. Falava num tom monótono, como se o tivesse feito milhares de vezes antes.

Afeganistão.

Albânia.

Argélia.

Samoa Americana.

Andorra.

E assim por diante. Disse todos com a letra “A” antes de erguer os olhos e ver minha expressão de incredulidade.

“Eu poderia continuar, mas acho que aborreceria você. Foi algo que aprendi durante o verão. Santo Deus! Não imagina como New Hope, Alabama, é chato durante o verão. É como ver a soja crescer. Você é de onde?”

“Da Flórida.”

“Não conheço.”

“Foi incrível. O negócio dos países”, eu disse.

“Pois é, cada qual tem seu talento. Eu consigo memorizar coisas. E você...?”

“Bem, eu sei as últimas palavras de um monte de gente.” Era meu prazer secreto, colecionar últimas palavras. Havia quem comesse chocolate; eu lia esse tipo de coisa.

“Por exemplo?”

“Eu gosto das de Henrik Ibsen. Ele foi um dramaturgo.” Eu sabia muita coisa sobre Ibsen, mas não tinha lido nenhuma de suas peças. Não gostava de ler peças. Gostava de ler biografias.

“É, eu sei quem ele foi”, Chip disse.

“Certo, então, ele tinha andado doente por uns tempos e a enfermeira lhe disse: ‘O senhor parece melhor esta manhã.’ Ibsen olhou para ela e falou: ‘Muito pelo contrário’, e morreu.”

Chip riu. “Mórbido, mas eu gosto.”

Ele me contou que aquele era seu terceiro ano em Culver Creek. Tinha começado no nono ano, o primeiro ano oferecido pela escola, e agora estava no penúltimo, como eu. Um bolsista, ele disse. Do começo ao fim. Tinha ouvido dizer que aquela era a melhor instituição de ensino do Alabama, então escreveu na carta de admissão que gostaria de frequentar uma escola onde pudesse ler livros longos. O problema, ele contou no ensaio, é que seu pai batia nele com os livros da casa, de modo que, para sua segurança, Chip só podia ter livros pequenos e de capa mole. Seus pais se divorciaram quando ele estava no segundo ano. Ele gostava “da Creek”, como chamava a escola, mas “Você precisa ter cuidado com os alunos e com os professores. E eu odeio ser cuidadoso.” Ele abriu um sorriso forçado. Eu também odiava ser cauteloso – ou, pelo menos, queria odiar.

Ele me contou essas coisas enquanto vasculhava o saco de lona, jogando as roupas nas gavetas com um desleixo irresponsável. Chip não acreditava em ter uma gaveta só para as meias e outra só para as camisetas. Acreditava que todas as gavetas tinham sido criadas iguais e as enchia com o que coubesse. Minha mãe teria morrido.

Quando terminou de “desfazer” as malas, Chip me deu um soco forte no ombro, disse: “Espero que seja mais forte do que parece” e saiu pela porta, deixando-a aberta. Segundos mais tarde, deu uma espiadela para dentro do quarto e me viu parado. “Vamos logo, Miles-Halter-Dormir. Temos muito o que fazer.”

Fomos para a sala de tevê, que, segundo Chip, era o único lugar no *campus* com tevê a cabo. No verão, servia de depósito. Entupida até o teto com sofás, geladeiras e tapetes enrolados, a sala de tevê ondulava com jovens tentando encontrar e arrastar consigo seus pertences. Chip cumprimentou algumas pessoas, mas não me apresentou.

Enquanto ele caminhava pelo labirinto de sofás, eu permaneci de pé junto à porta, tentando não atrapalhar os pares de colegas que manobravam seus móveis pela passagem estreita.

Chip levou dez minutos para encontrar suas coisas, e levamos mais uma hora indo e vindo, passando pelo gramado entre a sala de tevê e o Quarto 43. Quando acabou, eu só queria entrar de gatinhas na minigeladeira do Chip e dormir por mil anos, mas Chip parecia imune tanto ao cansaço quanto à insolação. Eu me sentei em seu sofá.

“Encontrei isso aí largado numa calçada perto de casa faz uns dois anos”, disse, referindo-se ao sofá, enquanto colocava o meu Playstation 2 em cima do baú ao pé da cama. “Está meio rasgado, eu sei, mas, convenhamos, é um sofá bem confortável.” O sofá não estava só “meio rasgado” – era 30% couro sintético azul-clarinho e 70% espuma –, mas eu o achava bastante confortável.

“Pronto”, ele disse. “Estamos quase lá.” Foi até sua escrivaninha, abriu a gaveta e pegou um rolo de fita adesiva. “Só precisamos do seu baú.”

Eu me levantei e puxei o baú que estava debaixo da cama. Chip o colocou entre o sofá e o Playstation 2, depois cortou tiras bem fininhas de fita adesiva e as grudou no baú de modo que se formassem as palavras MESA DE CENTRO.

“Agora sim”, ele disse. Sentou-se no sofá e botou os pés em cima da... bem... mesa de centro. “Pronto.”

Sentei-me ao seu lado. Ele se virou para mim de repente e disse: “Olha só, eu não vou ser seu passaporte de entrada para a vida social de Culver Creek, entendeu?”

“Tudo bem”, eu disse, mas podia ouvir as palavras entalando em minha garganta. Tinha acabado de carregar o sofá daquele cara debaixo de um sol escaldante, e agora ele não gostava de mim?

“Temos basicamente dois grupos aqui na escola”, ele explicou, com crescente urgência. “Os pensionistas normais, como eu, e os

Guerreiros de Dia de Semana. Garotos riquinhos de Birmingham. Eles também moram aqui, mas passam o fim de semana com os pais em suas mansões com ar-condicionado. São os garotos descolados. Não gosto deles, e eles não gostam de mim. Então, se você veio para cá achando que, porque era grande merda na escola pública, ia continuar sendo grande merda aqui, é melhor não ser visto comigo. Você estudou em escola pública, não estudou?”

“Hmm...” eu disse. Distraído, comecei a escarafunchar os rasgões no couro do sofá, enterrando os dedos na espuma branca.

“Certo, deve ter estudado. Do contrário, esse maldito calção não estaria tão largo.” E riu.

Eu usava as calças abaixo da linha da cintura, pois achava legal. Por fim, eu disse: “Vim da escola pública, sim. Mas não era grande merda, Chip, era só um merda.”

“Ótimo! E não me chame de Chip. É Coronel.”

Eu segurei uma risada. “Coronel?”

“É. Coronel. E seu apelido vai ser... hmm... Gordo.”

“Como?”

“Gordo”, o Coronel disse. “Porque você é magricela. Isso se chama ironia, Gordo. Já ouviu falar? Agora vamos arranjar uns cigarros para começar o ano com o pé direito.”

Ele saiu do quarto, novamente supondo que eu o seguiria, e dessa vez eu o segui. Felizmente, o sol estava baixando no horizonte. Passamos por cinco portas até chegarmos ao Quarto 48. Um quadro-branco tinha sido grudado na porta com fita adesiva. Nele se liam as seguintes palavras em tinta azul: *Alasca tem quarto só para ela!*

O Coronel me explicou que (1) aquele era o quarto da Alasca, que (2) a garota que dividia o quarto com ela tinha sido expulsa no final do semestre anterior e que (3) Alasca tinha cigarros, embora o Coronel não tivesse se dado ao trabalho de perguntar se (4) eu fumava, o que (5) não era o caso.

Ele bateu uma vez, com força. Do outro lado da porta, uma voz gritou: “Entra logo, baixinho, porque tenho uma história das boas para contar.”

Entramos. Eu me virei para fechar a porta, mas o Coronel balançou a cabeça e disse: “Depois das sete temos de deixar a porta aberta se estivermos no quarto de uma garota”, mas eu quase não o ouvi, pois diante de mim estava a garota mais linda da história da humanidade, com *jeans* cortados à altura das coxas e uma camiseta regata cor de pêssego. Ela atropelou o Coronel, falando alto e depressa.

“Certo. Primeiro dia de férias, eu estou lá na boa e velha cidade de Vine Station, na companhia de um garoto chamado Justin. Estamos sentados no sofá da casa dele, vendo tevê – e olha que eu namoro o Jake –, ou melhor, *ainda* namoro, milagrosamente, mas o Justin é meu amigo desde criança. Estávamos vendo tevê e conversando sobre o vestibular ou algo assim, e senti que ele estava passando o braço por cima dos meus ombros. Pensei: *Ah, não tem importância, somos amigos há tanto tempo. Isso é absolutamente aceitável.* Continuamos conversando. Eu estava no meio de uma frase sobre analogias, eu acho, e ele baixou a mão como uma águia e deu uma buzina no meu peito. FON-FON. Uma buzina forte que durou bem uns dois ou três segundos. FON-FON. Na hora, pensei: *Certo, como faço para tirar essas garras de cima do meu peito antes que me deixem hematomas?* Depois: *Santo Deus! Mal posso esperar para contar para o Takumi e o Coronel.*”

O Coronel riu. Eu estava sem ação, em parte devido à potência vocal daquela garota pequenina (mas, meu Deus, tão cheia de curvas) e em parte devido à enorme quantidade de livros perfilados nas paredes. A biblioteca enchia as estantes e transbordava em montes de livros que chegavam à cintura, empilhados desordenadamente. Se um deles tombasse, pensei, o efeito dominó poderia engolir nós três numa massa asfíxiante de literatura.

“Quem é esse cara que não está rindo da minha história engraçada?”, ela perguntou.

“Ah, certo. Alasca, esse é o Gordo. Ele coleciona últimas palavras. Gordo, essa é a Alasca. Buzinaram o peito dela nas férias.” Ela veio até mim com a mão estendida, fez um movimento rápido no último instante e baixou meu calção.

“Esse é o maior calção do estado do Alabama!”

“Gosto de andar assim, folgado”, eu disse, morrendo de vergonha, e o puxei para cima. Na Flórida, eu estava na moda.

“Desde que nos conhecemos, Gordo, já vi suas pernas de galinha muito mais vezes do que gostaria”, disse o Coronel, sério. “Alasca, não quer nos vender uns cigarros?” Então, não sei como, o Coronel me convenceu a pagar cinco dólares por um maço de Marlboro Lights que eu não tinha a menor intenção de fumar. Ele convidou Alasca para se juntar a nós, mas ela disse: “Preciso achar o Takumi para contar sobre a Buzinada.” Voltou-se para mim e perguntou: “Viu o Takumi por aí?” Eu não sabia se tinha visto o Takumi, nem mesmo sabia quem ele era. Só balancei a cabeça.

“Certo. Então nos encontramos no lago daqui a pouco.” O Coronel fez que sim.

Nós nos sentamos num balanço na beira do lago, próximo à praia de areia (que, segundo o Coronel, era falsa), e eu fiz a piada obrigatória. “Não agarre meu peito.” O Coronel deu a risada obrigatória e perguntou: “Quer fumar?” Eu nunca tinha fumado, mas, quando em Roma...

“É seguro?”

“Não muito”, ele disse, depois acendeu um cigarro e o passou para mim. Eu traguei. Tossi. Fiquei sem ar. Resfoleguei. Tossi de novo. Quase vomitei. Segurei-me no balanço, sentindo a cabeça girar. Joguei o cigarro no chão e pisei em cima, convencido de que meu Grande Talvez não incluía cigarros.

“Grande fumante!” Ele riu, depois apontou para uma mancha branca do outro lado do lago e perguntou: “Está vendo aquilo?”

“Estou”, eu disse. “O que é? Um pássaro?”

“É um cisne”, ele disse.

“Uau! A escola tem um cisne.”

“Aquele cisne é filho do capeta. Fique longe dele.”

“Por quê?”

“Ele não gosta das pessoas. Sofreu abuso ou coisa parecida. Vai retalhar você todinho. O Águia o colocou ali para nos impedir de fumar ao redor do lago.”

“Águia?”

“O Sr. Starnes. Codinome: o Águia. O reitor. A maioria dos professores mora no *campus*. Todos ficam de olho em nós. Mas só o Águia mora no círculo dos dormitórios e vê tudo. Ele sente cheiro de cigarro a uma distância de uns oito quilômetros.”

“A casa dele não é aquela ali?”, perguntei apontando com o dedo. Podia ver sua casa com bastante clareza, apesar da escuridão, de onde se conclui que ele também podia nos ver.

“É, mas ele só começa a *blitzkrieg* quando as aulas começam”, Chip disse, sério.

“Santo Deus, se eu me meter em confusão, meus pais me matam.”

“Acho que está exagerando. Mas, olha só, você vai se meter em encrenca. Só que, noventa e nove por cento das vezes, seus pais não vão ficar sabendo. A escola não quer que seus pais pensem que você virou um marginal – não mais do que *você*.” Ele soprou vigorosamente um longo fio de fumaça na direção do lago. Eu tinha de admitir: ele parecia bem legal fazendo aquilo. Mais alto, de alguma forma. “Então, quando se meter em encrenca, não vá dedurar ninguém. Eu odeio esses riquinhos nojentos com todas as minhas forças, tanto quanto odeio o dentista ou o meu pai. Nem por isso seria capaz de dedurá-los. A coisa mais importante aqui é jamais, jamais, jamais dedurar alguém.”

“Certo”, eu disse, embora estivesse pensando: *Então, se eu levar um soco na cara, esperam que eu insista que dei com o nariz na porta?*

Parecia-me estupidez. Como lidar com os valentões e os babacas sem metê-los em encrenca? Mas não perguntei nada ao Chip.

“Isso aí, Gordo. Mas agora está na hora de eu procurar minha namorada. Então me dê alguns desses cigarros que você não vai fumar mesmo, e até logo.”

Decidi ficar mais um tempo no balanço, em parte porque a temperatura tinha baixado para cerca de agradáveis, porém úmidos, trinta graus, e em parte porque achava que Alasca poderia aparecer. Mas, logo depois que o Coronel foi embora, os insetos atacaram. A quantidade de maruins (cuja picada, com efeito, é bem ruim) e de mosquitos que flutuavam ao meu redor era tanta que o pequeno ruído das suas asinhas batendo produzia um som dissonante. Foi então que decidi fumar.

Na hora, pensei: *A fumaça vai afugentar os mosquitos*. E, até certo ponto, afugentou mesmo. Mas eu estaria mentindo se dissesse que comecei a fumar para afugentar os mosquitos. Comecei a fumar porque (1) estava sozinho naquele balanço, (2) tinha cigarros comigo e (3) imaginei que, se todo o mundo conseguia fumar sem tossir, eu também seria capaz de fazer a mesma coisa. Em suma, não tinha uma razão muito boa. Tudo bem, então, vamos dizer que (4) foi por causa dos mosquitos.

Consegui tragar três vezes antes de ficar enjoado, tonto e entorpecido, mas de maneira apenas ligeiramente agradável. Levantei-me para ir embora. Mas, quando fiquei de pé, uma voz atrás de mim disse:

“É verdade que você coleciona últimas palavras?”

Ela correu para o meu lado, agarrou meu ombro e me fez sentar novamente.

“É, sim”, eu disse. E, um pouco hesitante, acrescentei: “Quer fazer um teste?”

“JFK”, ela disse.

“Mas isso é óbvio”, eu respondi.

“É?”

“Não. Essas foram suas últimas palavras. Alguém disse: ‘Sr. Presidente, Dallas ama o senhor’, e ele: ‘Mas isso é óbvio’, e tomou um tiro.”

Ela riu. “Credo, que horror! Eu não devia estar rindo. Mas vou rir, mesmo assim”, e tornou a rir. “Então está bem, Sr. Garoto-das-Últimas-Palavras, tenho uma para você.” Ela pegou a mochila abarrotada de coisas e tirou um livro. “Gabriel García Márquez. *O general no seu labirinto*. É um dos meus prediletos. É sobre Simón Bolívar.” Eu não conhecia Simón Bolívar, mas ela não me deu tempo de perguntar. “É um romance histórico, então não sei se é verdade, mas, no livro, sabe quais foram as últimas palavras dele? Não, não sabe. Pois, então, vou lhe dizer, Señor Últimas-Palabras.”

Ela acendeu um cigarro e deu uma tragada tão longa e profunda que pensei que a coisa toda ia se queimar de uma só vez. Ela soltou a fumaça e leu para mim.

“Ele’ – ou seja, Simón Bolívar – ‘estremeceu diante da revelação de que a corrida arrojada entre seus males e seus sonhos estava chegando ao fim. O resto eram trevas. ‘Droga’, ele suspirou. ‘Como sairei deste labirinto?’”

Eu sabia reconhecer grandes últimas palavras quando as ouvia, então tomei nota mentalmente de que precisava encontrar uma biografia desse Simón Bolívar. Belas últimas palavras, mas eu não tinha entendido. “O que é o labirinto?”, perguntei.

Agora cumpre dizer que a garota era linda. Ao meu lado, no escuro, ela cheirava a suor, sol e baunilha, e, naquela noite de fina lua crescente, eu não enxergava muito mais do que sua silhueta, exceto quando ela fumava, então a ponta chamejante do cigarro banhava seu rosto com uma pálida luz avermelhada. Mesmo no escuro, eu podia ver seus olhos – ferozes esmeraldas. Ela tinha olhos do tipo que nos levam a apoiar todas as suas decisões. Não era apenas linda, era gostosa, com os seios comprimidos pela camiseta regata, as pernas dobradas movendo-se para a frente e para trás embaixo do balanço, os chinelos pendurados nos dedos dos pés com unhas pintadas

de azul-claro. Foi exatamente nessa hora, quando lhe perguntei sobre o labirinto e ela me respondeu, que me dei conta da *importância* das curvas, dos milhares de pontos onde o corpo das mulheres se angulam suavemente de uma parte a outra, do peito do pé ao calcanhar, do calcanhar à panturrilha, dali aos quadris, à cintura, aos seios, ao pescoço, ao nariz arrebitado como rampa de esqui, à testa, ao ombro, à reentrância das costas, ao bumbum etc. Eu já tinha *reparado* nas curvas, é claro, mas só então me dei conta de sua importância.

Com a boca tão próxima de mim que eu sentia seu hálito mais quente do que o ar, ela disse: “Esse é o mistério, não é? O labirinto é a vida ou a morte? Do que ele está tentando escapar – do mundo ou do fim do mundo?” Esperei que ela terminasse de falar, mas, depois de um tempo, ficou claro que ela queria uma resposta.

“Hmm, não sei”, eu disse. “Você realmente leu todos aqueles livros em seu quarto?”

Ela riu. “Não, claro que não! Talvez tenha lido um terço daquilo. Mas *vou* ler todos. Eu os chamo de a Biblioteca da Minha Vida. Desde pequena, percorro as vendas de garagem em busca de livros que pareçam interessantes. Então sempre estou lendo algum livro. Mas há tanta coisa para fazer: tantos cigarros para fumar, tanto sexo para fazer, tantos balanços para balançar. Terei mais tempo para os livros quando ficar velha e chata.”

Ela me disse que eu lhe lembrava o Coronel em seu primeiro ano em Culver Creek. Eles tinham entrado na mesma turma de calouros, ela contou; ambos bolsistas “com um interesse comum pela bebida e pela farra”. As palavras *bebida e farra* me deixaram receoso de que eu tivesse me envolvido com o que a minha mãe chamava de “as pessoas erradas”, mas eles pareciam inteligentes demais para serem as pessoas erradas. Enquanto acendia outro cigarro usando o toco do anterior, ela me disse que o Coronel era inteligente, mas não tinha vivido muito antes de chegar à Creek.

“Mas resolvi esse problema rapidinho.” Ela sorriu. “Em novembro, eu já tinha arranjado uma namorada para ele, sua primeira namorada, uma garota bem legal que não tinha nada a ver com os Guerreiros de Dia de Semana. Chamava-se Janice. Um mês depois, ele terminou o namoro porque ela era rica demais para sua origem pobre. Que seja. Naquele ano, fizemos nosso primeiro trote – cobrimos o chão da Sala 4 com uma camada bem fina de bolas de gude. Mas, desde então, evoluímos, é claro.” E riu. Chip tinha se transformado no Coronel – o arquiteto dos trotes no melhor estilo militar, e Alasca era Alasca, a impressionante força criativa por trás deles.

“Você é inteligente como o Coronel”, ela disse. “Só que mais calado. E mais bonitinho, mas não me ouviu dizer isso, porque gosto do meu namorado.”

“É, você também não é feia”, respondi, sentindo-me desarmado por causa do elogio. “Mas não me ouviu dizer isso, porque gosto da minha namorada. Ah, não. Espere. Não tenho namorada.”

Ela riu. “Certo. Não se preocupe, Gordo. Se tem uma coisa que posso arranjar para você é namorada. Vamos fazer um acordo: você descobre o que é o labirinto e como fazer para sair dele, e eu lhe arranja uma transa.”

“Fechado!” Demos as mãos, selando o acordo.

Depois acompanhei Alasca até o círculo dos dormitórios. As cigarras cantavam sua canção de uma só nota exatamente como faziam lá em casa, na Flórida. Ela se virou para mim enquanto atravessávamos a escuridão e disse: “Quando você está caminhando assim, de noite, às vezes não bate um medo e uma vontade de voltar correndo para casa por mais bobo e embaraçoso que isso seja?”

Aquilo parecia íntimo e pessoal demais para confessar a uma pessoa estranha, mas eu disse: “Bate, sim.”